

Jabberwocky, de Lewis Carroll: uma análise das variações linguísticas sob a luz da teoria da tradução

LUCIANA DOS SANTOS*

RESUMO: Este artigo é uma análise baseada na abordagem funcional dos estudos descritivos da tradução utilizando o modelo de José Lambert e Van Gorp (1985) acerca das variações linguísticas presentes no poema *Jabberwocky*, de Lewis Carroll, em *Through the looking-Glass and what Alice has found there* (1871). Foram escolhidas três traduções: a de Monteiro Lobato (1967-3ª edição), a de Augusto de Campos (1980) e a de Alexandre Barbosa de Souza (2015). A micro-análise realizada corroborou o uso de estratégias significativas como o uso de palavras-valise pelos tradutores, assim como as rimas e sonorizações seguindo o estilo apresentado no texto-fonte.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos literários; *Jabberwocky*; Lewis Carroll; Tradução; Variação linguística.

ABSTRACT: This paper is an analysis based on the functional approach of the descriptive translation studies using the model of Jose Lambert and Van Gorp (1985) on the linguistic variations present in the poem *Jabberwocky* written by Lewis Carroll in “Through the looking Glass and what Alice has found there” (1871). Three translations were chosen: Monteiro Lobato (1967- 3rd edition), Augusto de Campos (1980) and Alexandre Barbosa de Souza (2015). The micro-analysis confirmed the use of significant strategies such as the use of valises by the translators, as well as the rhymes and sounds following the style presented in the source text.

KEYWORDS: *Jabberwocky*; Lewis Carroll; Linguistic Variation; Literary Studies; Translation.

* Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho /São José do Rio Preto – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: ls.cristino@unesp.br

Introdução

Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, é um dos autores de destaque da Era Vitoriana e representa um marco na literatura inglesa. Sua obra mais conhecida e estudada é *Alice's adventures in Wonderland*¹ (1865), que, mesmo depois de mais de 150 anos de sua criação, ainda é lida, comentada, recriada e analisada por milhares de pessoas no mundo todo.

De acordo com Cohen (1995, p.), seis anos após a publicação desta obra, Carroll publica em 30 de novembro de 1871, pela editora Macmillan, *Through the looking-glass and what Alice found there*², como sendo a continuação de *Alice's adventures in Wonderland*. Dessa vez, Carroll escreve uma narrativa que simula uma partida de xadrez vivenciado pelas personagens.

Ambas as obras, foram destaque pelo uso de uma linguagem com muitos trocadilhos e pela presença do *nonsense*, recurso amplamente utilizado pelo autor e remete a algo sem sentido, que não faz parte do contexto e que traz surpresa ao leitor. Num século em que imperava o tradicionalismo, a obra surge para confrontar a tradição, questionar, impor, mudar ideais e romper paradigmas. A era Vitoriana foi uma época marcada pelo conservadorismo e manuais de boas maneiras e regada de muito rigor. O mundo imaginário de Alice, onde tudo é possível, revela traços de fatos históricos e da sociedade Vitoriana como as personagens Rainha Vermelha e Rainha Branca que demonstram autoridade e devaneios em certos momentos. Segundo Gardner (Carroll, 2013), as Rainhas são consideradas personagens que se referem à Rainha Vitória, que utilizava o autoritarismo para determinar, de maneira incisiva, as regras da sociedade inglesa.

Este artigo tem como objeto de estudo as variações linguísticas presentes em *Jabberwocky*, um dos poemas mais famosos e estudados de *Through the looking-glass and what Alice found there*³ (1871), mais precisamente a primeira estrofe composta por quatro versos. Para corroborar os dados, também serão considerados trechos do capítulo seis, “*Humpty Dumpty*”, no qual o autor descreve o significado das palavras utilizadas no poema.

O *corpora* desse artigo é composto por três traduções do poema “*Jabberwocky*” para o português: a de Monteiro Lobato⁴ (1961- 3ª edição); a de Augusto de Campos (1980), e a de Alexandre Barbosa de Sousa (2015)⁵.

¹ O título original dessa obra foi: *Alice's adventures in Wonderland underground*. A narrativa foi primeiramente contada por Carroll para Alice Lindell (nome da Alice que inspirou o autor, que transformou-a em protagonista). Ele somente teria escrito a obra após a insistência da menina, que adorou a estória.

² Título original da obra. As outras edições ganharam o título *Through the looking glass*.

³ Escrita por Lewis Carroll, ilustrada por John Tenniel e três traduções do poema “*Jabberwocky*” e o texto-fonte publicado em 1976 com o título: *The Annotated Alice*. A edição é composta da seguinte maneira: há um prefácio inicial do autor datado de 1896, que explica o tabuleiro com as descrições das peças e dos nomes das personagens que aparecem na obra e também, elucida uma possível dúvida sobre a pronúncia correta de algumas palavras para a correta sonorização do poema “*Jabberwocky*”. A narrativa é subdivida em doze capítulos e contém um poema inicial e outro final, além de outros que fazem parte do enredo. Ao longo da história estão distribuídas cinquenta ilustrações de John Tenniel.

⁴ A primeira tradução de *Through the Looking Glass* realizada por Monteiro Lobato ocorreu em 1932.

⁵ Edição especial de comemoração aos 150 anos da publicação de *Alice in Wonderland* (1865).

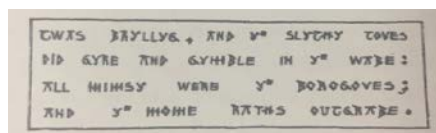
Este artigo não pretende avaliar as traduções em melhor/pior, mas sim tentar explicar alguns dos recursos linguísticos utilizados pelos tradutores no processo de tradução.

Jabberwocky

“Jabberwocky”, conhecido como “Paragrávio” ou “Jaguardarte” é, sem dúvida, uma obra-prima rica em sonoridade e enigmas semânticos. Pode ser considerado um poema épico que revela traços marcantes de ritmo e rima, incorporados às palavras-valise⁶ criadas por Carroll.

O poema é composto por sete estrofes com quatro versos cada, sendo que, a estrofe inicial foi elaborada por Lewis Carroll quando ele tinha apenas 23 anos⁷.

A seguir, apresento a primeira publicação, datada de 1855, sob o título “Estrofe de poesia anglo-saxã – intitulada *Stanza*”:



(CARROLL, 1976, p. 191)

Já nesta primeira publicação, Carroll interpreta algumas palavras do trecho, como por exemplo: “*Bryllyg* (derived from the verb to bryl or broil), the time of broiling dinner, i.e. the close of the afternoon.”⁸ Na sequência, Carroll descreve as palavras: *slythy*, *tove*, *gyre*, *gymble*, *wabe*, *mimsy*, *borogrove*, *mome*, *rath* e *outgrabe*. Ele cria, assim, uma espécie de dicionário para que os leitores conseguissem interpretar o que havia escrito.

Com as indicações de Carroll, temos a seguinte tradução do trecho:

“Era o anoitecer, e os texugos lisos e ativos estavam escavando e furando buracos na encosta do morro; muito infelizes estavam os papagaios; e as graves tartarugas guinchavam.” (CARROLL, 213, p. 314).

“Jabberwocky” foi finalizado após dezesseis anos e publicado no livro *Through the looking-glass and what Alice has found there*, em 1971, no capítulo inicial “*Looking-Glass house*” ou a “Casa do espelho”. Devido à sua importância na obra, o autor faz referências a ele

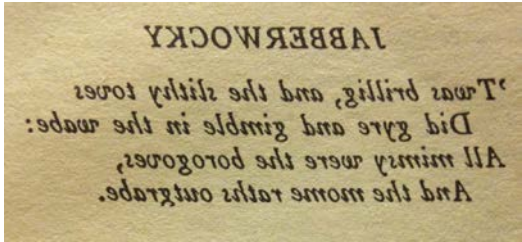
⁶ *Portmanteau Word*, traduzida como “palavra-valise”, de acordo com Gardner (Carroll, 2013, 341) é uma expressão criada por Carroll que se refere a “uma composição de uma palavra como uma mala, composta por outras palavras formando assim uma nova com mais de um significado.” Na literatura inglesa, o grande mestre é, sem dúvida, James Joyce, que, em *Finnegans Wake* descreve e utiliza inúmeras palavras-valise, inclusive fazendo referência a Humpty Dumpty, personagem de *Through the looking-glass*.

⁷ De acordo com Gardner (Carroll, 2013, p. 313), nesta época, Carroll escrevia para uma série de pequenos periódicos chamado *Mischmasch*. Estas histórias eram utilizadas para entreter seus irmãos.

⁸ “*Bryllyg* (derivado do verbo to Bryl ou broil) – a hora de cozinhar o jantar, isto é, o fim da tarde. (CARROLL, 2013, p. 313)

já no Prefácio, explicando alguns aspectos relacionados à sua sonoridade e à sua correta pronúncia, e também retoma os conceitos de vocábulos apresentados no capítulo seis, “*Humpty Dumpty*”, utilizando o personagem Humpty Dumpty para explicar alguns valores semânticos de palavras citadas no poema.

O poema aparece em um trecho em que Alice, já no “mundo do contrário” após passar pelo espelho, se depara com um papel e lê o seguinte trecho:

CARROLL, 1976, p. 191	CARROLL, 1976, p. 191
	<p style="text-align: center;">JABBERWOCKY</p> <p style="text-align: center;">`Twas brillig, and the slithy toves Did gyre and gimble in the wabe: All mimsy were the borogoves, And the mome raths outgrabe.</p>

Ao observar o texto, Alice percebe que o mesmo está escrito ao contrário e, utilizando o reflexo do espelho, consegue ler o verso. Então comenta:

Parece um lindo verso, disse consigo Alice, que a princípio nada entendera. Quem sabe se está ao contrário e com o espelho poderei ler direito? `Vamos fazer a experiência. Para isso tenho que passar à outra sala.” (CARROLL, 1961, p. 23).

Porém, Carroll retoma-o no capítulo seis, “*Humpty Dumpty*”, onde Humpty, um personagem com um intelecto superior que possui sabedoria, revela a sua facilidade em interpretar poemas. Neste momento, há uma conversa sobre os significados das palavras apresentadas no poema. Foi uma forma criativa que Carroll elaborou para explicar alguns dos significados atribuídos às palavras criadas no poema. É neste capítulo, também, que os tradutores conseguem explicar as escolhas lexicais realizadas. Por ser relevante, levarei em consideração também este trecho da narrativa em todas as traduções estudadas.

Traduzindo o texto literário

A tradução é um desafio, principalmente em se tratando de texto literário. Cada língua possui o seu próprio universo semântico e sintático, caracterizado por normas a serem seguidas. O tradutor literário deve se preocupar com as questões linguísticas e, além disso, com os efeitos sonoros e estilísticos escolhidos pelo autor do texto-fonte e o impacto que eles causam no leitor. O texto literário é uma produção única, constituída de palavras com sentido figurado. Considere-se a citação a seguir:

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. Sabemos que um grande número de mitos, lendas e contos são etiológicos, isto é, são um modo figurado ou fictício de explicar o aparecimento e a razão de ser do mundo físico e da sociedade. Por isso há uma relação curiosa entre a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor. Haveria pontos de contacto entre ambas? A resposta pode ser uma especulação lateral no problema da função, que nos ocupa (CÂNDIDO, 1972, p. 83).

Conforme Antônio Cândido ressalta, o texto literário se torna “explicável” quando conseguimos estabelecer algum vínculo com o real, com o concreto. Segundo o autor, quando pensamos na função do texto literário, e se considerarmos o público-alvo e o contexto sociocultural que o cerca, poderíamos então nos aproximar do seu real significado.

Para Haroldo de Campos, a “tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação” (2004, p. 35).

O estilo original e único dos textos de Carroll permite infinitas adaptações e diferentes possibilidades de *transcrições* — termo cunhado por Haroldo de Campos (2004). É por este motivo que, ainda hoje, estas narrativas despertam o interesse e a curiosidade de estudiosos e leitores.

Segundo Paulo Henriques Britto, o tradutor literário atual está mais preocupado em manter as características e escolhas realizadas pelo autor do original.

[...]. Mas é claro que, por mais estrangeirizante que seja, toda tradução é, por definição, uma operação radical de reescrita, em que todas as palavras de um texto são substituídas por outras, de um idioma diferente, seguindo normas sintáticas diferentes, por vezes até utilizando até mesmo outro alfabeto. [...] Não cabe ao tradutor causar estranheza onde tudo é familiar, tampouco simplificar e normalizar o que, no original, nada tem de simples ou de convencional (BRITTO, 2012 p. 66–67).

“Jabberwocky” é um dos poemas mais conhecidos pelos estudantes ingleses por se destacar na literatura. Devido ao uso de neologismos criados pelo autor, se tornou uma referência para escritores e tradutores. Segundo Gardner (1976), o poema foi traduzido para mais de 50 línguas diferentes, e até hoje, continua sendo estudado, reescrito e traduzido por diversos pesquisadores. Uma verdadeira obra de arte:

Jabberwocky

’Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe:
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe.

“Beware the Jabberwock, my son!
The jaws that bite, the claws that catch!
Beware the Jubjub bird, and shun
The frumious Bandersnatch!”
He took his vorpal sword in hand:

Long time the manxome foe he sought —
So rested he by the Tumtum tree,
And stood awhile in thought.
And, as in uffish thought he stood,

The Jabberwock, with eyes of flame,
Came whiffling through the tulgey wood,
And burbled as it came!

One, two! One, two! And through and through
The vorpal blade went snicker-snack!
He left it dead, and with its head
He went galumphing back.

“And, has thou slain the Jabberwock?
Come to my arms, my beamish boy!
O frabjous day! Callooh! Callay!”
He chortled in his joy.

’Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe;
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe. (CARROLL, 1976, p. 191).

Das mais de 40 traduções de *Through the looking-glass*, utilizarei uma das primeiras realizadas pelo grande escritor brasileiro Monteiro Lobato. Ele traduziu *Alice in Wonderland* em 1931 e *Through the Looking Glass and What Alice found there* em 1932. Lobato, como um grande admirador da obra de Carroll, deixa clara sua percepção sobre a obra do autor já no prefácio da primeira edição:

“Trata de um sonho de uma menina travessa — sonho em inglês, de coisas inglêsas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismos, trocadilhos, tudo inglês, isto é, especial, feito exclusivamente para a mentalidade dos inglesinhos”. E reforça a dificuldade da tradução pela grandiosidade da obra: “mais do que difícil, é difícilíssimo”. (CARROLL, 1931, s/p).

Assim como alguns outros tradutores, e pela dificuldade em traduzir os poemas escritos por Carroll, Lobato opta por não realizar uma tradução literal de “Jabberwocky”, assim como dos poemas inicial e final, entre outros. Ele apenas se detém em mencionar algumas estrofes curtas que aparecem ao longo da narrativa.

Metodologia

A análise será, aqui, realizada por meio do método *analítico-crítico*, aplicando-se as abordagens funcionais dos estudos descritivos da tradução ao *corpus* selecionado para o estudo, composto de três traduções/adaptações brasileiras do clássico poema “Jabberwocky”, de Lewis Carroll, publicado em *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* (1871).

Em 1972, James S. Holmes utilizou pela primeira vez o termo *Translation Studies*, o qual ficou cunhado após ser referenciado por André Alphons Lefevere, em 1978. A partir daí, grupos de estudiosos passaram a desenvolver os modelos propostos por esses teóricos, dando origem a teorias como a de polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1971), a do modelo descritivo, de José Lambert (1985), e a das normas tradutórias, proposta por Gideon Toury (1995).

A partir de 1980, o enfoque da discussão do grupo se deu acerca da análise mais prática da tradução por meio da abordagem descritiva. O desenvolvimento mais significativo desse modelo foi elaborado por Gideon Toury (1980), que enfatiza o texto de chegada, ou seja, o processo que determina o produto da tradução. Esse processo seria regido pelo que ele chama de “normas tradutórias”. Cada sistema tem normas, todas interligadas. Porém, se ocorrerem com uma certa regularidade, podem-se estabelecer padrões para a sua utilização. O objetivo do uso/verificação de normas tradutórias é contextualizar a tradução, procurando entender a sua função na cultura de chegada.

José Lambert (1985), um dos principais teóricos dos Estudos Descritivos, propõe o estudo dos aspectos funcionais relevantes da atividade tradutória, que devem ser observados a partir de um contexto histórico. O modelo contextual e descritivo foi proposto por José Lambert, juntamente com Hendrik van Gorp (1985).

O modelo de Lambert e Van Gorp iniciou com o esquema proposto anteriormente por José Lambert e André Alphons Lefevere em 1977, o qual contém os parâmetros básicos que permeiam o processo da tradução. Esse modelo foi ampliado por Itamar Even-Zohar (1978) e Gideon Toury (1980), quando sugeriram a teoria dos polissistemas e das normas. O modelo de análise descritiva de Lambert e Van Gorp (1985) estabelece quatro etapas principais para a pesquisa com obras traduzidas, descritas como segue: 1) Dados preliminares: enfatiza o modo como o volume traduzido chega ao leitor. Seriam descritas as observações relacionadas aos prefácios, dedicatórias, introduções, notas de rodapé, etc.; 2) Nível macro: descreve as possíveis omissões, adições ou alterações macrotextuais. Observam-se ainda os nomes próprios, elementos culturais, etc.; 3) Nível micro: descreve a comparação textual em detalhes: estruturas gramaticais, vocabulário, variações de linguagem; 4) Contexto sistêmico: comparação das recorrências observadas na tradução em outros textos: oposição entre os níveis micro e macro; relações intertextuais; relações intersistêmicas.

Nesta proposta, realizarei a análise da primeira estrofe do poema “Jabberwocky”, que contém 4 versos nas edições que fazem parte do *corpus*, com base na análise descritiva de José Lambert e Van Gorp (1985), por meio do método comparativo, cotejando cada

edição traduzida com a obra original. A análise se dará com o nível micro, descrevendo as variações da linguagem apresentadas, colocando lado a lado as edições escolhidas.

Micro-análise

Neste momento, serão descritos os aspectos relevantes da micro-análise de cada uma das traduções escolhidas em ordem cronológica, iniciando por aquela escrita por Monteiro Lobato (1967). Utilizarei apenas a 1ª estrofe do poema, que possui 4 versos. Serão considerados também os trechos do capítulo seis, “*Humpty Dumpty*”, no qual são descritos os significados dos termos utilizados nas traduções.

Conforme mencionado anteriormente, Lobato é o único dos três tradutores aqui mencionados que não traduz “*Jabberwocky*” na íntegra. Apenas faz menção a um pequeno trecho que aparece da seguinte forma:

“!sárt-sáz, sárt-sáZ !siod, mU !siod, mU
sáz-ra on uinuz adapse A
!sárt uiac ortsnom od açebac A
...sárt arap odnaetoniP” (CARROLL, 1961, p. 23).

Este trecho se refere à 5ª estrofe, como segue:

“One, two! One, two! And through and through
The vorpal blade went snicker-snack!
He left it dead, and with its head
He went galumphing back.” (CARROLL, 1976, p.191).

Podemos observar que Lobato propõe a tradução literal de algumas palavras como: “Um, dois, um, dois.” Faz uma referência à cabeça mas com conotação diferente: o monstro é morto sem a cabeça e, no poema de Carroll, ele morre com a mesma. Lobato ainda insere a onomatopeia “zás-trás” e mantém os versos terminados na rima em “ás”. No original, Carroll mantém a rima nos três últimos versos com as palavras: *snack*, *head*, *back*.

Lobato ainda acrescenta no capítulo seis, “*Humpty Dumpty*”, os dois primeiros versos da primeira estrofe de “*Jabberwocky*”, como segue: “Panfogo nas peiolhas da gere e ruma / Xuruxuxu mais potocauçu faz fiufirififiu” (CARROLL, 1961, p. 82). Observe-se:

CARROLL, 1976, p. 191	CARROLL, 1961, p. 82
“ <i>Jabberwocky</i> ”	“ <i>Jabberwocky</i> ”
Twas brillig, and the slithy toves Did gyre and gimble in the wabe: All mimsy were the borogoves, And the mome raths outgrabe.	“Panfogo nas peiolhas da gere e ruma Xuruxuxu mais potocauçu faz fiufirififiu”

Fica evidente que Lobato apenas cita os verso para narrar o trecho da conversa de Alice com Humpty Dumpty, não tendo nenhuma pretensão em traduzir o poema todo. Ele faz, porém, algumas correspondências e propõe a palavra-valise Panfogo (panela + fogo) por exemplo, utilizando a mesma estratégia utilizada pelo autor e, também, se referindo ao léxico utilizado.

A seguir, apresento um quadro com as explicações narradas por Humpty Dumpty. Proponho as supostas correspondências a partir da explicação semântica descrita pelo tradutor Monteiro Lobato em relação à do texto-fonte.

CARROLL, 2013, p. 313, 314	CARROLL, 1961, p. 82
<i>Brillig</i> – derivado do verbo <i>to bryl</i> ou <i>broil</i> , a hora de cozinhar o jantar, isto é, o fim da tarde.	Panfogo– significa quatro horas da tarde, tempo em que as cozinheiras começam a botar as panelas no fogo para o jantar.
<i>Slythy</i> (composto de <i>slimy</i> e <i>lithe</i>)– liso e ativo)	
<i>Tove</i> – uma espécie de texugo. Tinham pelo liso e branco, longas patas traseiras e chifres curtos como um veado; alimentavam-se sobretudo de queijo.	Peiolhas– são peixes em formas de lagartos, um tanto parecidos com saca-rôlhas.
<i>Gyre</i> – verbo derivado de <i>gyaour</i> ou <i>giaour</i> – girar como um giroscópio.	Gire– é girar como peões.
<i>Gymble</i> – (donde <i>gimblet</i>)– furar buracos em tudo.	Ruma– é fazer buraco na madeira como as verrumas.
<i>Wabe</i> – (derivado do verbo <i>to swab</i> ou <i>soak</i>)– A encosta de um morro (do fato de ela ser <i>soaked</i>) empapada pela chuva.	
<i>Mimsy</i> (donde <i>mimserable</i> e <i>miserable</i>)- infeliz	
<i>Borogrove</i> - Uma espécie extinta de papagaio. Não tinham asas, seus bicos eram virados para cima e faziam seus ninhos sob relógios de sol; alimentavam-se de vitela.	Xuruxuxu– algum pássaro muito esquisito, com penas arrepiadas pelo corpo como uma vassoura com medo.
<i>Mome</i> - (donde <i>solemome</i> , <i>solemone</i> e <i>solemn</i>)– grave.	
<i>Rath</i> - uma espécie de porco verde.	Potocauçu- uma espécie de porco-do-mato verde.
<i>Outgribing</i> , é algo entre assobiar com um espirro no meio.	Fiufirififiu- um assobio com espirro no meio.

Fica nítido que Lobato usou de recursos estilísticos mais simples de repetição/onomatopeia como “Xuruxuxu” e “Fiufirififiu”, como o objetivo de aproximar a sua tradução do público-alvo infantojuvenil, porém conseguimos identificar, nas descrições, no tocante ao significado, que Lobato busca aproximar o resultado ao máximo do texto de partida.

A segunda tradução é a de Sebastião Uchoa Leite que recebeu o auxílio de Augusto de Campos para a tradução de alguns poemas. Um deles, “Jabberwocky”, foi traduzido na íntegra com o título de “Jaguadarte”. Esta é uma das traduções mais conceituadas no âmbito acadêmico.

Augusto de Campos, tradutor e escritor que apresenta a seguinte tradução.

CARROLL, 1976, p. 191	CARROLL, 2015, p. 147
“Jabberwocky”	“Jaguardarte”
Twas brillig, and the slithy toves Did gyre and gimble in the wabe: All mimsy were the borogoves, And the mome raths outgrabe.	Era briluz. As lesmolisas touvas roldavam e relviam nos gramilvos. Estavam mimsicais as pintalouvas, E os momirratos davam grilvos.

“Jaguardarte”, publicado em 1980, se tornou uma referência e inspirou vários outros autores e artistas da área. Em 1982, Augusto e Cid de Campos, seu filho fazem uma versão musical com Arrigo Barnabé, interpretada por Tetê Espíndola, canção integrante do álbum “Pássaros na garganta”. A canção repete a primeira estrofe da tradução de Augusto de Campos.

CARROLL, 1980, p. 147	“Jaguardarte” (Canção de Cid Campos e Arrigo Barnabé, interpretada por Tetê Espíndola)
Jaguardarte	Jaguardarte* / Canção dos vagalumes
Era briluz. As lesmolisas touvas Roldavam e reviam nos gramilvos. Estavam mimsicais as pintalouvas, E os momirratos davam grilvos.	Era briluz As lesmolisas touvas Roldavam e relviam nos gramilvos Estavam mimsicais as pintalouvas
“Foge do Jaguardarte, o que não morre! Garra que agarra, bocarra que urra! Foge da ave Fefel, meu filho, e corre Do frumioso Babassura!”	E os momirratos davam grilvos Era briluz, briluz As lesmolisas touvas, as lesmolisas Roldavam e reviam nos gramilvos
Ele arrancou sua espada vorpal E foi atrás do inimigo do Homundo Na árvore Tamtam ele afinal Parou, um dia, sonilundo.	Roldavam e relviam, roldavam E relviam nos gramilvos, nos gramilvos Estavam mimsicais as pintalouvas, louvas E os momirratos davam grilvos, grilvos!
E enquanto estava em sussustada sesta, Chegou o Jaguardarte, olho de fogo, Sorrelfiflando através da floresta, E borbulia um riso louco!	
Um dois! Um, dois! Sua espada mavorta Vai-vem, vem-vai, para trás, para diante! Cabeça fere, corta e, fera morta, Ei-lo que volta galunfante.	
Pois então tu mataste o Jaguardarte! Vem aos meus braços, homenino meu! Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!” Ele se ria jubileu.	
Era briluz. As lesmolisas touvas Roldavam e relviam nos gramilvos. Estavam mimsicais as pintalouvas, E os momirratos davam grilvos.	* Obs.: reprodução feita a partir da interpretação da canção pela cantora Tetê Espíndola no LP “Pássaros na garganta” (1982).

A repetição apresentada é marcada pela melodia de forma lenta e progressiva, causando estranheza pelos vocábulos utilizados, mas, ao mesmo tempo, uma harmonização em sintonia com as rimas.

A seguir, apresento um quadro descritivo com as explicações de Humpty Dumpty, no capítulo seis, acerca das escolhas lexicais.

CARROLL, 2013, p. 313-314	CARROLL, 2015, p. 197-198
<i>Brillig</i> - derivado do verbo <i>to bryl</i> ou <i>broil</i> , a hora de cozinhar o jantar, isto é, o fim da tarde.	Briluz- o brilho da luz às quatro horas da tarde, quando se passa a cena descrita nos versos.
<i>Slythy</i> (composto de <i>slimy</i> e <i>lithe</i>) liso e ativo	Lesmolisas- significa “lisas com lesmas”.
<i>Tove</i> - uma espécie de texugo. Tinham pelo liso e branco, longas patas traseiras e chifres curtos como um veado; alimentavam-se sobretudo de queijo.	Touvas- têm algo de toupeiras, algo de lagartos e algo de saca-roulhas, e têm pêlos espetados como escovas.
<i>Gyre</i> - verbo- derivado de <i>gyaour</i> ou <i>giaour</i> - girar como um giroscópio.	Roldavam- rodavam em roldão. Relviam- revolviam em relva ou girar como uma roldana.
<i>Gymble</i> - (donde <i>gimblet</i>)- furar buracos em tudo.	
<i>Wabe</i> - (derivado do verbo <i>to swab</i> ou <i>soak</i>)- A encosta de um morro (do fato de ela ser <i>soaked</i> (empapada pela chuva).	Gramilvos- tufo de grama
<i>Mimsy</i> (donde <i>mimserable</i> e <i>miserable</i>) infeliz	Mimsicais- mimosas e musicais
<i>Borogrove</i> . Uma espécie extinta de papagaio. Não tinham asas, seus bicos eram virados para cima e faziam seus ninhos sob relógios de sol; alimentavam-se de vitela.	
<i>Mome</i> - (donde <i>solemome</i> , <i>solemone</i> e <i>solemn</i>)- grave	Momirratos- momi não sei bem o que é, talvez venha de “momices”, talvez festas de momo. Talvez venha de ratos careteiros ou carnavalescos.
<i>Rath</i> - uma espécie de porco verde.	Ratos- E ratos não preciso explicar.
<i>Outgriving</i> , é algo entre assobiar com um espirro no meio.	Grilvos- penso que deve ser uma mistura de gritos com silvos bem agudos, com algo parecido com o chilro dos grilos.

Podemos observar que Augusto de Campos se aproxima mais da sonoridade das palavras, comparando com o original, como no primeiro verso em que utiliza “Briluz” (palavra-valise: Brilho + luz), em cotejo com o termo “*Brillig*”, utilizado com Carroll. Não se aproxima, porém, do significado proposto pelo texto fonte.

O mesmo acontece com “Momirratos”, que ainda destaca um valor cultural quando se refere a “momi” – momo do Carnaval, uma festa típica brasileira, e a ratos o significado denotativo, corroborando sua ideia com a seguinte afirmação: “E ratos não preciso explicar”(CARROLL, 2015, p. 198).

Augusto de Campos também mantém a rima em ABAB no poema todo, mantendo a mesma sonoridade proposta por Carroll.

Podemos notar também que ele utiliza o empobrecimento quantitativo e qualitativo no primeiro verso, quando emprega apenas dois vocábulos que não têm o mesmo conteúdo semântico e o alongamento no segundo verso.

CARROLL, 1976, p. 191	CARROLL, 2015, p. 147
Twas brillig, and the slithy toves Did gyre and gimble in the wabe:	Era briluz. (Empobrecimento quantitativo e qualitativo) ⁹ As lesmolisas touvas roldavam e relviam nos gramilvos. (alongamento)

Além disso, faz uso da conjugação verbal dos verbos regulares “relviam” e “roldavam”, mantendo os radicais das palavras.

Então, temos “roldavam” (roldana + rodavam) e “relviam” (relva + revolviam). Observe-se:

a) **Rold** (radical) + **va** (desinência de modo temporal de pretérito imperfeito do indicativo) + **m** (desinência de número e pessoa – 3ª pessoa do plural);

b) **Rel** (radical) + **vi** (vogal temática) + **a** (desinência de modo temporal de pretérito imperfeito do indicativo) + **m** (desinência de número e pessoa – 3ª pessoa do plural).

Sigamos em frente. A terceira tradução que utilizamos é “Jaberuco”, realizada por Alexandre Barbosa de Souza em 2015, ano de celebração dos 150 anos da publicação de *Alice in Wonderland*.

Jaberuco

No luscofusco, texugolesmais
Girogravavam pelsa vagramas,
Havia borogovas mimosicais
E os fofomuscós davam alframas

“Cuidado com Jaberuc, meu filho!
Presas te prendem, garras te agarram!
Cuidado com o pássaro Jujubo, fuge
Do Bandernete frumioso!”

Ele sacou a espada vorpal:
Longo tempo perseguiu o antigente-
Então descansou na árvore Tumtum,
E ali ficou um tempo só pensando.

Assustriste meditava quando
O Jaberuco, olhos de flama,
Veio pela mata resfoleguinchante
E gorbulejava no caminho!

⁹ Antonie Berman (2007) propõe as deformações apresentadas no processo de tradução. Empobrecimento quantitativo, empobrecimento qualitativo e alongamento são alguns dos tipos de deformações sugeridos por ele.

Um, dois! Um, dois! E assim depois
 A espada vorpal foi triscafincando!
 Deixou-o morto, e sem o corpo
 Trazendo a cabeça voltou galunfante.

“Então mataste o Jaberuc?
 Dá cá um abraço, filho meu brilhante!
 Ó, dia frabulhoso! Calloo! Callay!”
 Ele se riu e se rejubilou.

No luscofusco, texugolesmais
 Girogravavam pelas vagramas,
 Havia borogovas mimosicais
 E os fofomuscus davam alframmas. (CARROLL, 2015, p. 32–35).

Alexandre Barbosa de Sousa mantém as sete estrofes do original e tenta manter as rimas finais. A linguagem mais coloquial, como o uso de “Dá cá”, imprime uma proximidade do filho com a mãe, aquela que se orgulha. A seguir, o quadro comparativo do texto-alvo e a tradução:

CARROLL, 1976, p. 191	CARROLL, 2015, p. 32
“Jabberwocky”	“Jaberuco”
Twas brillig, and the slithy toves Did gyre and gimble in the wabe: All mimsy were the borogoves, And the mome raths outrabe.	No luscofusco, texugolesmais Girogravavam pelas vagramas, Havia borogovas mimosicais E os fofomuscus davam alframmas.

Podemos notar que Souza também se preocupa com a sonoridade e mantém a rima ABAB, porém ele faz as escolhas lexicais que se aproximam do significado do texto-fonte, como no caso de Luscofusco, conforme indicado na tabela abaixo.

E no 2º verso, o tradutor junta os verbos *gyre* e *gimble*, o que resulta em “girogravavam”.

CARROLL, 2013, p. 313–314	CARROLL, 2015, p. 116 e 117
<i>Brillig</i> - derivado do verbo <i>to bryl</i> ou <i>broil</i> , a hora de cozinhar o jantar, isto é, o fim da tarde.	Luscofusco – são quatro tarde em diante... a hora em que já se começa a esquentar o jantar.
<i>Slithy</i> (composto de <i>slimy</i> e <i>lithe</i>) liso e ativo	Lesmais- lemas são moles. Esses seres lesmais são escorregadios.
<i>Tove</i> - uma espécie de texugo. Tinham pelo liso e branco, longas patas traseiras e chifres curtos como um veado; alimentavam-se sobretudo de queijo.	Texugo- parecem lagartos e lembram um saca-rolhas. Texugolesmais fazem ninho embaixo de relógios-de-sol e vivem à base de queijo.
<i>Gyre</i> - verbo- derivado de <i>gyaour</i> ou <i>giaour</i> - girar como um giroscópio.	Girogravar- é ir rodopiando feito um giroscópio.
<i>Gymble</i> - (donde <i>gimblet</i>)- furar buracos em tudo.	
<i>Wabe</i> - (derivado do verbo <i>to swab</i> ou <i>soak</i>)- A encosta de um morro (do fato de ela ser <i>soaked</i> (empapada pela chuva).	Vagrama- é o pedaço de grama embaixo do relógio-de-sol.

<i>Mimsy</i> (donde <i>mimserable</i> e <i>miserable</i>) infeliz	Mimosicais- mimosa e musical
<i>Borogrove</i> . Uma espécie extinta de papagaio. Não tinham asas, seus bicos eram virados para cima e faziam seus ninhos sob relógios de sol; alimentavam-se de vitela.	Borogova- é um pássaro velho, maltrapilho, com as penas todas tortas espetadas... que parece um esfregão vivo.
<i>Mome</i> - não estou certo, mas parece algo de “lar” (home), como se eles estivessem perdidos no meio do caminho.	Fofu - mas fofu não tenho certeza. Acho que é uma abreviação para fora de forma.
<i>Rath</i> - uma espécie de porco verde.	muscos- é um tipo de porco verde;
<i>Outgribing</i> , é algo entre assobiar com um espirro no meio.	Alframa- é algo como berrar e assobiar, uma espécie de espirro no meio: seja como for, você há de ouvir alguma alframa... bem longe no bosque.

Percebe-se que Souza mantém poucas das escolhas realizadas por Campos, como, por exemplo, espada vorpál. Ele opta pela criação de inúmeras palavras-valise como “texugolesmais” e “fofomuscos”.

Considerações Finais

A tradução de um texto literário é um desafio que requer muito estudo da obra e conhecimento linguístico, principalmente em se tratando de um poema como “Jabberwocky”, que é um marco da literatura inglesa e conhecido mundialmente pelo contorno estilístico, pela sonoridade e pelo uso de neologismos (palavras-valise) criadas especialmente para ele. Sem dúvida, Lewis Carroll foi um dos grandes gênios escritores que nos proporcionou o contato com esta obra-prima.

Após a micro-análise realizada para este estudo, fica evidente que os tradutores buscaram transpor as características linguísticas e estruturais do texto-fonte, proporcionando aos leitores uma aproximação com a essência da obra.

Por fim, é imprescindível destacar o papel da pesquisa em revisitar as obras de Carroll e, em especial, “Jabberwocky”, um dos poemas *nonsense* mais famosos de *Through the looking-glass*, e contribuir para os estudos tradutórios e literários.

SANTOS, L. “Jabberwocky”, by Lewis Carroll: Analysis of Linguistics Variations Based on Translation Studies. *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v. 11, n. 2, p. 73-88, 2019. ISSN 2177-3807.

Referências

BERMAN, A. A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. Rio de Janeiro: Letras/PGET, 2007.

BRITTO, P. H. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, H. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin. In: TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Org.). *Haroldo de Campos – Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. São Paulo, SP, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

CARROLL, L. *Alice's adventures in Wonderland*. Londres: Penguin books, 1994.

_____. *Aventuras de Alice no país das maravilhas & através do espelho*. Intr. e notas Martin Gardner. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Ilust. John Tenniel. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *Alice através do espelho*. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. Ilust. Rosângela Rennó. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

_____. *Alice no País do Espelho*. Trad. Monteiro Lobato. Ilust. John Tenniel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

_____. *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Ilust. John Tenniel. São Paulo: Fábula, 2015.

_____. *The Annotated Alice. Alice's Adventures in Wonderland & Through the Looking Glass*. Intr./notes Martin Gardner. Ilust. John Tenniel. London: Penguin Books, 1976.

COHEN, M. N. *Lewis Carroll: a biography*. London: Macmillan, 1995.

LAMBERT, J. (Org.). *Functional Approaches to Culture and Translation, Selected papers*. Philadelphia: John Benjamins B. V., 2006.

LEFEVERE, A. *Translation/History/Culture: a sourcebook*. London/New York: Routledge, 1992.

_____. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge, 1992.

Webgrafia

JAGUADARTE. Intérpretes: Cid Campos e Arrigo Barnabé. [s.i]: [s.i], 1973. vídeo, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RVh4RfsEwLI>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Discografia

PASSÁROS NA GARGANTA. Intérpretes: Tetê Espindola e Carlos Rennó, 1982. Acesso: 11 nov. 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tete-espindola/passaros-na-garganta/>

Recebido em: 23 mai. 2019

Aceito em: 18 jul. 2019